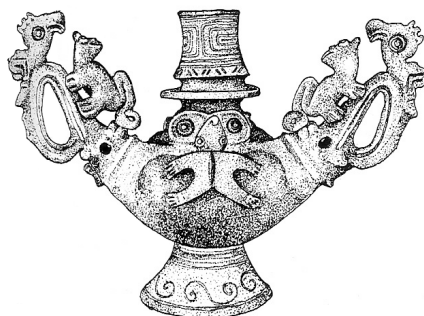


# A ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DE SANTARÉM

Denise P. Schaan (UFPA)



## INFORMAÇÕES DO PERÍODO COLONIAL

A potencialidade arqueológica da região abrangida pelo município de Santarém é conhecida da comunidade científica desde o século XIX, quando se intensificou o povoamento da cidade de Santarém e os achados fortuitos de material arqueológico. A cidade assenta-se sobre um sítio arqueológico que era habitado, até o século XVII, por grupos indígenas conhecido como “tapajós”, que deram o nome ao rio que banha a cidade.

O primeiro europeu a ter com os tapajós parece ter sido o capitão Pedro Teixeira, que visitou a região em 1626. Mais tarde, em 1639, regressando de viagem a Quito, Pedro Teixeira novamente adentra o rio Tapajós, descrevendo os índios como guerreiros e ressaltando a quantidade de provisões: carnes do mato, aves, peixes, frutas e farinhas (Brasil 1910). Pela descrição que faz Berredo, os índios que visitou estariam aldeados em Alter do Chão; a partir dessa primeira visita, os portugueses passaram a realizar um contato mais freqüente com os índios (Penna 1869).

Como parte da estratégia lusa de dominar os índios através da evangelização, em 1661 chega à aldeia dos tapajós o padre João Felipe Bettendorf, por ordem do Padre Antônio Vieira, com a missão de fundar na foz do rio uma vila e um colégio da Companhia de

Jesus, para propagar a fé cristã. A Companhia de Jesus estabelece-se na região a partir de 1668, construindo então diversas missões (Penna 1869).

A presença militar na região toma corpo somente no final do século XVII. Em 1694 o governo imperial ordena a construção de fortificações em vários locais do baixo Amazonas, visando estabelecer pontos de defesa contra o avanço francês que se expandia a partir de Caiena (Penna 1869). Uma dessas fortalezas foi construída na boca do rio, junto à aldeia dos tapajós, por Manoel da Motta às suas próprias custas, tendo recebido em troca o posto de governador por parte do rei. Segundo Mello Moraes, no início do século XVIII ainda havia índios aldeados pela companhia de Jesus em diversas localidades ao longo do rio Tapajós. Na localidade que é hoje Alter do Chão localizava-se a aldeia de Borari, composta de índios que se deslocaram da aldeia tapajós para lá em 1738, pois a aldeia estava muito grande e não havia terra suficiente para o cultivo. A aldeia Cumaru, ou Arapiuns, localizava-se em Vila-Franca; a 8 léguas acima localizava-se a aldeia dos Tupinambaranas (Aldeia de Santo Ignácio Boim), fundada em 1737, com índios vindos do Amazonas (Mello Moraes, citado por Brasil 1910:5-6).

Em 1743 a região é visitada pelo cientista francês La Condamine, que desceu o rio Amazonas a partir do Peru, e estava interessado em conferir de perto as histórias que ouvira rio acima sobre as “amazonas”, as famosas mulheres sem marido, e sobre as misteriosas “pedras verdes” que, diziam, encontravam-se entre os índios tapajós (Condamine 2000). Tais pedras, adornos feitos de rochas esverdeadas variantes da jadeíta, teriam poder de cura, especialmente contra doenças como cólica nefrítica e epilepsia. Segundo o viajante, os índios davam grande importância a tais pedras e não queriam delas se desfazer, apesar de muitas já terem sido enviadas à Europa (op.cit.: 98).

Em 1754 cria-se oficialmente a vila de Santarém, que se tornará cidade somente em 1848. Em 1773, os mundurucus, que vinham avançando em direção ao rio tapajós partindo da margem direita do rio Madeira, atacam a vila de maneira violenta, e a partir daí passam a estabelecer suas aldeias na região (Penna 1869). Esse deve ter sido o golpe final nos tapajós, pois no começo do século XIX, os índios que moravam em Santarém (também chamada Tapajós na língua geral), eram descendentes de várias tribos distintas, e não guardavam nenhuma recordação dos habitantes que habitavam a região na época da conquista (Spix e Martius 1937). Da viagem feita por Wallace e Bates em 1848, tem-se a informação de que os índios mundurucus, que viviam então às margens do rio Tapajós eram responsáveis por muitos dos produtos ali vendidos (Wallace 1979:95).

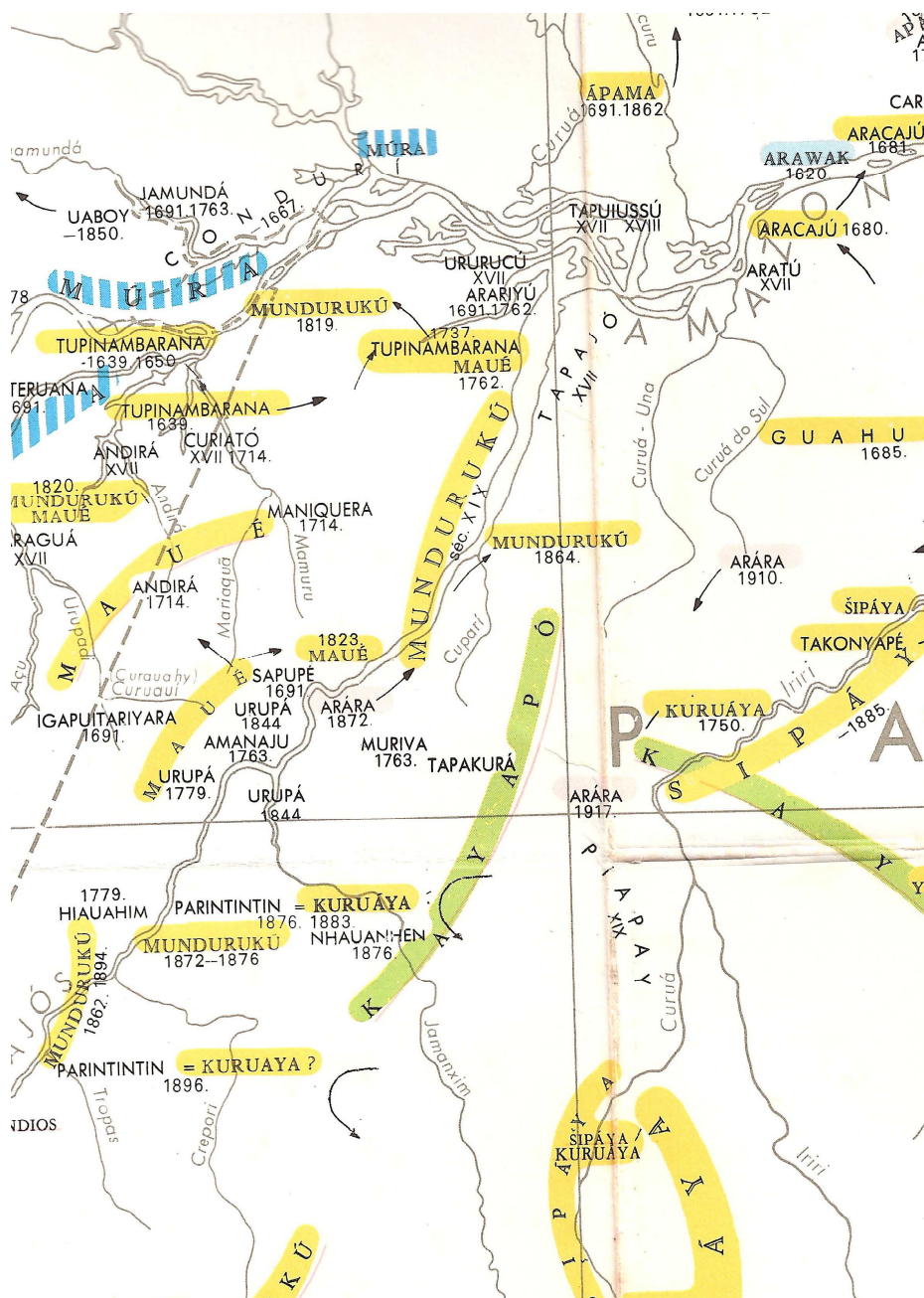
Em 1868, a cidade de Santarém já tinha 20 anos de existência, e contava com 1.761 habitantes, sendo, destes, 422 escravos (Penna 1869). A cidade tinha ainda um importante papel como entreposto comercial, para onde escoavam produtos produzidos por índios, escravos e fazendeiros não muito longe dali. No lago grande, entre o igarapé Tacumini e a enseada do Jacaré havia um pesqueiro real, que produzia peixe salgado que era vendido em Belém (op.cit.). A maior presença indígena então ficava por conta dos mundurucus.

Nenhum dos relatos históricos acima citados faz referência a sítios arqueológicos na região, ou à cerâmica produzida pelos tapajós, e as únicas referências a sítios arqueológicos dizem respeito às pinturas e gravuras rupestres na região de Monte Alegre, visitada por Bates e Wallace em 1848. A ocupação indígena antiga na cidade de Santarém, de fato, passou a chamar a atenção dos estudiosos algumas décadas mais tarde, quando as construções aumentaram em número e os vestígios arqueológicos passaram a ser encontrados em maior quantidade.

### **AS PRIMEIRAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO**

A região de Santarém foi visitada várias vezes, entre 1922 a 1926, por Curt Nimuendaju, indigenista associado ao Museu Goeldi e ao Museu de Gotemburgo, na Suécia. Preocupado em mapear as culturas pré-colombianas e coletar artefatos arqueológicos e etnográficos para museus europeus, nas cartas que escreve para Carlos Estevão de Oliveira percebe-se seu enorme interesse pelas “pedras verdes”, conferindo todas as informações que obtinha sobre sua ocorrência. Em 1923 vai a Vila Franca atrás de uma dessas informações, mas não consegue encontrar nenhum muiiraquitã. Em 1924 encontra uma dessas pedras em Oriximiná e no mesmo ano adquire ídolos de pedra verde em Óbidos. Nimuendaju observou que a cidade de Santarém estava construída sobre depósitos arqueológicos, ao identificar a terra preta contendo fragmentos de cerâmica, propondo que ali na cidade se encontraria o ponto principal de difusão da cultura tapajó (veja Amoroso 2001, Nimuendaju 2000). Identificou 65 sítios arqueológicos na região abrangida por Santarém, Vila Franca, Alter do Chão, rio Curuá-Uma e a margem direita do Amazonas (Gomes 2002: 26).

Através de dados arqueológicos, etnohistóricos e etnográficos, Nimuendaju compôs um mapa de distribuição dos grupos indígenas brasileiros, que foi publicado pelo IBGE em 1987. O mapa mostra (Figura 1) a área de localização dos tapajós no século XVII, e a área de ocupação mundurucu no século XIX (1864), próximo à foz do rio Cupari, que deságua na margem direita do rio Tapajós.



Mapa da ocupação indígena da região, por Curt Nimundaju

Percebe-se pelo mapa que os Tupinambarana vinham se deslocando da margem direita do rio Madeira até o rio Tapajós, onde são identificados em 1762. No mesmo mapa, os Kayapó aparecem ocupando o interflúvio a partir do alto curso dos rios Cupari e Curuá-Una (IBGE 1987).

### ESTUDOS DE COLEÇÕES

Dado o alto custo de pesquisas arqueológicas de campo, é comum que sociedades antigas sejam estudadas a partir de seus vestígios materiais já coletados e guardados

em museus. Destes vestígios, o que mais tem sido usado para estudos estilísticos e tecnológicos é a cerâmica. Foram realizados diversos estudos com material cerâmico proveniente da região de Santarém, notadamente com a cerâmica da cultura Santarém ou tapajônica.

Helen Palmatary realizou estudos com coleções tapajônicas de museus americanos e europeus, trabalho este publicado em 1939, e depois, vindo ao Brasil, expandiu seu trabalho para incluir as coleções brasileiras, publicando novo estudo em 1960 (Palmatary 1939, 1960). Seu trabalho foi criticado pelos critérios pouco operacionais utilizados na classificação das peças (Meggers 1960), e por sua abordagem, considerada às vezes, excessivamente difusionista (Gomes 2002).

Contrastando com visões ingênuas e perspectivas difusionistas da maioria dos estudos de coleções realizados na primeira metade do século XX com material amazônico, os estudos de Frederico Barata realizados na metade do século passado destacam-se por sua maturidade teórica, por sua abordagem cuidadosa de detalhes estilísticos e por sua perspicácia no exame de hipóteses explicativas, o que lhe confere uma atualidade sem paralelo. Percebeu, por exemplo, que os cachimbos de cerâmica encontrados, com decorações foliáceas e com feições humanas, de inspiração nitidamente européia, diferiam do estilo indígena encontrado nos vasos de cariátides e de gargalo, assim como em outros tantos objetos, assegurando que foram produzidos durante a época colonial pelos índios aldeados nas missões (Barata 1953). Barata escreveu diversos trabalhos não somente sobre a cerâmica, mas também sobre os muiiraquitãs, as lendárias pedras verdes dos tapajós. Possuía sua própria coleção de cerâmica tapajônica coletada no bairro Aldeia, em Santarém, que atualmente encontra-se sob a guarda do Museu Goeldi, em Belém, e foi estudada também por Vera Guapindaia, resultando em sua dissertação de mestrado (Guapindaia 1993).

Dentre os estudos mais recentes, Guapindaia procurou caracterizar culturalmente os tapajós reunindo informações etnohistóricas, além de realizar um estudo tecnológico da cerâmica, centrado na coleção Frederico Barata. Outra arqueóloga que se dedicou ao estudo de uma coleção arqueológica foi Denise Gomes, que em seu trabalho discute as diversas teorias sobre complexidade social na Amazônia e contextualiza sua pesquisa no âmbito das descobertas arqueológicas mais recentes para a área (Gomes 2002).

### AS PESQUISAS DE CAMPO RECENTES (1971-2006)

Um extenso levantamento nos municípios de Santarém e Prainha foi realizado por Ulpiano Bezerra de Menezes em 1971 e 1973, como parte dos estudos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica - PRONAPABA, localizando 25 sítios arqueológicos (Simões e Araujo-Costa 1978). Assim como aqueles identificados por Nimuendaju, esses sítios localizam-se em área de limite entre várzea e terra firme, próximos a lagoas e parecem ter sido contemporâneos, havendo estradas que os ligavam (Prous 1991:442-43). Em 1973, o geógrafo Nigel Smith identificou um sítio de terra preta com cerca de 2 hectares na rodovia Cuiabá-Santarém, na intersecção com o igarapé Moju, a cerca de 125km ao sul de Santarém (Simões e Araujo-Costa 1978).

Em 1987 Anna Roosevelt realiza levantamento arqueológico na área do porto de Santarém, delimitando uma área onde encontrou vestígios arqueológicos e terra preta arqueológica. Além disso, pesquisa o sítio da Taperinha, um sambaqui fluvial que havia sido estudado também por Hartt no final do século XIX. O trabalho realizado no sítio Taperinha ficou famoso por ter possibilitado a descoberta da cerâmica mais antiga das Américas, com idade entre 7 e 8 mil anos (Roosevelt et al. 1991). Na Taperinha Roosevelt encontrou evidência de ocupação por populações que viviam da coleta de recursos aquáticos e que depois foram substituídas por populações horticultores, mostrando continuidade de ocupação até o século X. Em 1991, Roosevelt pesquisa em Monte Alegre.

Em 1998, o Iphan recebe denúncia sobre a destruição de que tratores abrindo a rodovia interpraiais, que ligaria Alter do Chão a Ponta de Pedras, teriam atingido sítio arqueológico. Daniel Lopes, arqueólogo do Museu Goeldi esteve no local mas não encontrou vestígios arqueológicos.

Em 1999, a 2ª superintendência regional do Iphan em Belém recebe denúncias de que havia sido encontrado material arqueológico no porto de Santarém devido às obras de modernização e de que havia irregularidades também na área da linha de transmissão Santarém-Vila de Ponta de Pedras, onde teria sido encontrado um sítio arqueológico. Solicita então ao Museu Goeldi que envie um arqueólogo ao local para averiguar a situação. Atendendo à solicitação, a arqueóloga Vera Guapindaia desloca-se até Santarém e realiza uma vistoria, com o objetivo de prospeccionar áreas não contempladas pelo levantamento de Roosevelt. Em seu relatório: "Levantamento Arqueológico no Porto de Santarém", Guapindaia concluiu que parte do sítio delimitado anteriormente por Roosevelt estava sendo arrendado pela Companhia das Docas do Pará para a construção de galpões para armazenamento de grãos, recomendando a

realização de salvamento arqueológico<sup>1</sup>. O sítio está registrado como PA-ST-42: Porto de Santarém (2°25'16.2'', 54°44'20''). Quanto à linha de transmissão, Guapindaia identifica um sítio localizado a cerca de 5 km do ramal de Pajuçara e a cerca de 500m a oeste do ramal que liga a PA-457 à vila de Carapanari. O sítio está localizado em local alto, com vista para o rio Tapajós, comportando uma mancha de terra preta de cerca de 200m de largura e que se estenderia até o rio. Guapindaia recomenda também o salvamento deste sítio tendo em vista a futura construção da estrada interpraiais. Segundo informação técnica Iphan nº 16/2006 - Copedoc, o sítio localiza-se sob as coordenadas UTM 739356, 9731924.

Em 2000, Anna Roosevelt encaminha ao Iphan pedido de autorização para o desenvolvimento do projeto “A seqüência do desenvolvimento no baixo Amazonas: proposta para a terceira fase do projeto de pesquisa de campo - 2000-2005”. Em maio e outubro de 2002, Anna Roosevelt denuncia novamente ao Iphan a destruição do sítio arqueológico do porto de Santarém, por parte da CDP.

Denise Maria Cavalcante Gomes, em 2001, iniciou sua pesquisa de doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo na comunidade Parauá, localizada a cerca de 120km ao sul de Santarém, à margem esquerda do rio Tapajós, com o projeto “Dinâmica populacional das ocupações barrancóides no baixo Tapajós”. Um de seus objetivos era o de verificar a extensão da ocupação relacionada à sociedade dos tapajós e melhor entender como áreas periféricas se relacionavam àquela sociedade. (Gomes 2003). Partindo dos relatos de Nimuendaju de que os tapajós ocupavam a margem direita do rio tapajós, Denise Gomes queria saber se a ocupação estendia-se também pela margem esquerda do rio. De maneira contrária às suas expectativas (e provavelmente às de Roosevelt), Gomes identificou, nos nove dos 10 sítios pesquisados em uma área de 40km<sup>2</sup>, cerâmica associada com a Tradição Borda Incisa (definida por Meggers e Evans 1961, citados por Gomes 2006), tendo os mesmos sítios sido datados entre 3800 e 1000 anos AP, representando ocupações horticultoras que estendem-se até o início da ocupação Santarém e com ela convivem por curto período de tempo (Gomes 2006).

Em 2004, o arqueólogo Paulo Canto Lopes, do Museu Goeldi, realiza, a pedido do Iphan, uma vistoria próximo ao lago Arauepá, no município de Aveiros, em terras de propriedade da Antares Mineração e Comércio Ltda. Lá identifica um sítio arqueológico que foi registrado como PA-ST-43: Paraná do Arauepá (UTM 21M 659421,95500400). O sítio havia sido parcialmente afetado pela construção de um ramal ligando

---

<sup>1</sup> Conforme autos do processo Iphan nº 1492.000150/2000-08.

Transforlândia ao porto localizado à margem direita do rio Tapajós, de propriedade da empresa. Em 2005, após negociações com a empresa, outro arqueólogo do Museu Goeldi, Marcos Magalhães encaminhou um projeto de salvamento arqueológico para a área, intitulado “Programa de salvamento do sítio PA-ST-43: Paraná do Arauepá, localizado na área do projeto Antares Mineração e Comércio Ltda, Aveiros/PA”. Segundo Magalhães, o sítio teria 40.000m<sup>2</sup> de área, com uma camada arqueológica de cerca de 0,50m. Os vestígios eram encontrados a cerca de 800 metros do rio Tapajós, ao longo de uma faixa de aproximadamente 500m. Neste projeto estavam planejadas cinco etapas de campo, mas somente a primeira, que realizou o mapeamento e algumas escavações-teste, foi realizada, por falta de cumprimento, por parte da empresa, de suas obrigações financeiras com o projeto<sup>2</sup>.

Em 2004, Ellen Quinn, uma estudante de antropologia da Universidade de Illinois defende sua dissertação de mestrado sobre a cerâmica encontrada em Santarém pela arqueóloga Anna Roosevelt (Quinn 2004).

Em 2006, a arqueóloga Catarina Eleonora Ferreira da Silva, do Iphan, faz visita a Santarém, acompanhada da arqueóloga Denise Gomes, tendo em vista as várias denúncias de irregularidades vindas de Santarém. Na oportunidade visita sítio arqueológico identificado no 8º BEC-Batalhão Engenharia do Exército, localizado no KM 10 da BR-163. O sítio localiza-se no topo de um platô de aproximadamente 120m de altura, de onde se avista o rio Tapajós, distante aproximadamente 10km. Lá encontraram fragmentos de cerâmica sem decoração, associada à terra preta arqueológica (UTM 752120, 9723528).

Ainda um levantamento arqueológico realizado na região partiu de uma iniciativa do Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo em vista as inúmeras denúncias que chegam ao órgão sobre tráfico de material arqueológico e achados fortuitos na própria cidade de Santarém. O trabalho foi coordenado pela arqueóloga Denise M.C. Gomes, agora ligada ao PPGAS-UFRJ, e resultou na identificação de 58 locais com vestígios arqueológicos no contexto urbano de Santarém. O sítio na área urbana foi delimitado e chamado de sítio Aldeia, que se estende por uma faixa de 1,7km por 0,4km de largura paralela ao rio Tapajós, sobrepondo-se aos bairros Aldeia e Centro. As investigações foram feitas em terrenos vazios e quintais de casa, onde foram coletados 358 fragmentos de cerâmica<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Conforme autos do processo Iphan nº 1492.000105/2005-50.

<sup>3</sup> Conforme autos do processo Iphan nº 1492.000110/2006-43.

Atualmente se encontra em curso um projeto de levantamento de sítios arqueológicos ao sul da cidade de Santarém, ao longo da BR-163, na região do platô de Belterra. Esse levantamento é coordenado por Denise Schaan e parcialmente financiado pelo DNIT, como parte do Programa de Arqueologia Preventiva da BR-163.

Ao mesmo tempo, na área do porto da cidade de Santarém, desde 2007 tem continuidade o Projeto Baixo Amazonas, coordenado por Anna Roosevelt e Denise Schaan.

### **O POTENCIAL ARQUEOLÓGICO**

O estado do conhecimento arqueológico na área permite concluir que existe uma potencialidade grande de sítios arqueológicos que não foram identificados até agora por falta de pesquisas. A maioria dos sítios identificados relacionam-se à ocupação tapajônica ou anterior, com datas que remontam a 2 mil anos atrás. São poucos os sítios ainda conhecidos na área de interflúvio, e a maioria dos sítios, mesmo os da cultura tapajônica são pouco estudados. O que se conhece corrobora a idéia corrente de que a ocupação de áreas de interflúvio se deu em épocas mais recentes (2 a 3 mil anos atrás), quando crescimento populacional ao longo dos rios principais deve ter pressionado populações a buscar sua subsistência também em áreas do interior. Essa expansão ocorre simultaneamente com o aumento populacional que se assiste ao longo do Amazonas e dos seus principais afluentes a partir do início da Era Cristã. No entanto, sociedades complexas e regionais, conhecidas como cacicados, surgem apenas em torno do século X. Entre estas, a representada pelos Tapajó, estabelecida na área que é hoje a cidade de Santarém, é tida como uma das mais complexas, que teria uma organização regional composta por várias vilas que obedeceriam a uma chefia regional. De acordo com informações de viajantes dos séculos XVI e XVII, essa chefia regional tinha o poder de cobrar tributos que eram usados para sustentar uma elite administrativa, assim como funções especializadas, guerras, festas e rituais comunitários (Roosevelt 1999).

Sabe-se muito pouco a respeito das relações entre essas sociedades centralizadas e sua periferia, ou seja, comunidades que localizavam-se longe dos grandes aglomerados populacionais, principalmente na terra firme, ao longo de rios menores e interflúvios. Denise Gomes vem defendendo a idéia de que o cacicado dos tapajós não seria tão extenso e complexo quanto se acreditava, uma vez que as comunidades identificadas por ela teriam cerâmica diferente da tapajônica em área próxima e contemporânea (Gomes 2005).

A pesquisa atualmente sendo realizada na área da BR-163 é vista como uma oportunidade para contribuir com o conhecimento das mudanças importantes em organização social que ocorreram em torno de século X na várzea amazônica, ao documentar processos de ocupação de áreas de interflúvio que constituem-se na periferia daquelas sistemas e que, por isso, sofrem seus impactos e contribuem para mudanças.

É possível ainda que os sítios encontrados e a serem encontrados na área da pesquisa cubram uma faixa cronológica bastante extensa, que vá desde a ocupação por caçadores-coletores (10 mil anos atrás), que basicamente moviam-se constantemente em função de recursos, a grupos sedentários horticultores e pescadores, que estabeleceram economias mais estáveis em períodos mais recentes. Ambos, no entanto, deixaram registros de sua presença através dos seus artefatos e das modificações que imprimiram de maneira intencional ou não na paisagem. A pesquisa deve proporcionar, portanto, uma visão abrangente da ocupação, investigando diversos compartimentos ecológicos, tendo em vista que, em função das economias diversas das sociedades pré-coloniais, em cada momento histórico diferentes ambientes eram procurados.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- Amoroso, M. R. 2001. Nimuendajú às voltas com a história. *Revista de Antropologia* 44(2):173-188.
- Barata, F. 1953. Uma análise estilística da cerâmica de Santarém. *Cultura* 5.
- Brasil, R. P. 1910. *Os sertões do rio Tapajós*. Belém, Província do Pará.
- Condamine, C. M. d. I. 2000. *Viagem na América meridional descendo o rio das Amazonas (1743-1744)*. Vol. I e II. Brasília, Senado Federal.
- Gomes, D. M. C. 2002. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP*. São Paulo, Edusp, Fapesp.
- . 2003. "A Amazônia antes da Complexidade Social: um estudo de comunidades pré-coloniais no baixo Tapajós," [http://www.ucm.es/info/arqueoweb/numero5\\_3/articulo5\\_3\\_denise.html](http://www.ucm.es/info/arqueoweb/numero5_3/articulo5_3_denise.html).
- . 2005. Padrões de Organização Comunitária no Baixo Tapajós: o desenvolvimento do Formativo na área de Santarém, PA, USP.
- . 2006. Amazonian archaeology and local identities. In: Edgeworth, M. (Org.). 2006. *Ethnographies of archaeological practice. Cultural encounters, material transformations*. New York, Altamira Press, pp. 148-160.

- Guapindaia, V. 1993. Fontes históricas e arqueológicas sobre os Tapajó: a coleção Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi. Master's Thesis, Universidade Federal de Pernambuco, unpublished.
- IBGE. 1987. *Mapa etnohistórico de Curt Nimuendaju*. Rio, IBGE.
- Meggers, B. J. 1960. Review of the Archaeology of the Lower Tapajós valley, Brazil. *American Anthropologist* 62:913.
- Moraes, M. História dos jesuítas e suas missões na América do Sul.
- Nimuendaju, C. U. 2000. *Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Lisboa, Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim.
- Palmatary, H. C. 1939. Tapajós pottery. *Ethnologiska studies* 8.
- . 1960. The archaeology of the lower Tapajós valley. *Transactions* 50(3).
- Penna, D. S. F. 1869. *A região ocidental da Província do Pará. Resenhas estatísticas das comarcas de òbidos e Santarém*. Belém, Tipografia do Diário de Belém.
- Prous, A. 1991. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, UNB.
- Quinn, E. R. 2004. "Excavating "Tapajó" Ceramics at Santarém: Their Age and Archaeological Context". M.A., University of Illinois at Chicago.
- Roosevelt, A., Housley, R. A., Imazio da Silveira, M., Maranca, S., & Johnson, R. 1991. Eighth millenium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science* 254:1557-1696.
- Roosevelt, A. C. 1999. The development of prehistoric complex societies: Amazonia: a tropical forest. In: Bacus, E. A. & Lecero, L. J. (Org.). 1999. *Complex Politics in the Ancient Tropical World*, pp. 13-33.
- Simões, M. F., & Araujo-Costa, F. 1978. *Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos*. Vol. 30. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, CNPq-MPEG.
- Spix, & Martius. 1937. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Vol. III. Rio, Melhoramentos.
- Wallace, A. R. 1979. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro (1823-1913)*. Belo Horizonte, Itatiaia.